

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Erico Verissimo: história da literatura ou ficção?

Ângela Maria Garcia dos Santos Silva¹

RESUMO: Neste artigo, defendemos que a *Breve História da Literatura Brasileira*, de Erico Verissimo, é antes uma ficção do que uma história da literatura e não pode, portanto, ser classificada como tal. Para sustentarmos nossa afirmação, analisamos a obra do escritor gaúcho a partir da teoria proposta por David Perkins em seu estudo *História da Literatura e Narração* em que indica os elementos essenciais da narrativa para se produzir uma boa história da literatura, quais sejam: citação de fontes, narração em 3ª pessoa, clareza de objetivos, eleição de um herói, enredo da história dentro de espaço e tempo arbitrários, e argumentos com os quais o historiador deve convencer, persuadir o leitor. Depois de examinarmos cada um deles destacando passagens do texto de Verissimo que são contrárias a alguns desses itens, constatamos, por exemplo, que a falta de comprovação de dados e as intromissões que faz no texto constantemente permitindo-se, inclusive, conversar com o público/leitor, fazer comentários e contar histórias pessoais de sua infância e adolescência, denunciam a sua falta de talento para historiador e mostram claramente que se comporta como um ficcionista em todos os capítulos. Mas isso o próprio escritor explica, pois segundo suas palavras, é apenas um contador de histórias confirmando, ele mesmo, a sua falta de jeito para o texto científico objetivo.

A *Breve História da Literatura Brasileira*, de Erico Verissimo², se constitui da reunião de diversas conferências proferidas pelo escritor entre janeiro e fevereiro de 1944, na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Originalmente escritos em inglês, os textos foram traduzidos pela pesquisadora Maria da Glória Bordini, responsável pelo acervo literário do escritor sulino na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul³, e por suas colaboradoras Cristina Maria Penz e Márcia Ivana de Lima e Silva, no intuito de preservar e difundir a obra do autor.

Essa obra, descrita na nota de Bordini como o único longo ensaio literário de Verissimo, apresenta a visão desse escritor sobre a literatura brasileira na tentativa de criar um panorama desta desde a época colonial até a Geração de 45. Exatamente por ser muito pessoal e também porque o autor, no prefácio de seu livro, justifica que valeu-se da própria memória

¹ Ângela Maria Garcia dos Santos Silva cursa Doutorado em Letras no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² VERISSIMO, Erico. *Breve História da Literatura Brasileira*. Tradução Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

³ Na época em que este ensaio foi escrito (2003), o acervo literário de Erico Verissimo ainda estava sob os cuidados da PUCRS. Em 2009, foi transferido para o Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

para escrever a respeito da vida literária do Brasil, pois não dispunha de fontes que lhe pudessem servir de consulta, este ensaio pretende demonstrar, a partir dos estudos teóricos de David Perkins⁴, que a narrativa de Erico Verissimo é antes uma ficção do que uma história da literatura.

Em seu estudo, Perkins afirma que para se construir uma história da literatura deve-se, primeiramente, privilegiar a forma tradicional da narrativa porque é preciso obedecer a uma cronologia, dar uma ordem aos acontecimentos. Em seguida, é necessário eleger um herói, elemento que vai nortear a história e, ainda, delimitar um período para facilitar a realização da pesquisa e coleta de dados, o que possibilitará o maior número possível de informações a serem organizadas pelo narrador.

O teórico é incisivo quando alerta os pretensos escritores dessa modalidade de texto para os elementos essenciais da narrativa, que servirão de fio condutor com o fim de se produzir uma boa história da literatura. São eles: citação de fontes, narração em 3ª pessoa, clareza de objetivos, eleição de um herói, enredo da história dentro de espaço e tempo arbitrários, e argumentos com os quais o historiador deve convencer, persuadir o leitor. Para darmos conta do objetivo a que nos propusemos, a análise consistirá em cruzar esses elementos indicados por Perkins com o texto de Erico Verissimo para mostrarmos que a obra do escritor gaúcho não pode ser classificada como história da literatura, principalmente porque o livro em questão não é resultado de pesquisa e porque o autor se utiliza de recursos de ficção para iludir o leitor.

Em relação à citação de fontes, primeiro elemento apontado pelo teórico, há uma ausência total delas. Usamos como argumento para essa afirmação as próprias justificativas do escritor encontradas na página 16: “Permitam-me confessar-lhes com franqueza que este esboço da literatura brasileira tem a natureza do ‘mais ou menos’”. Isso significa que, por ser um “esboço”, Verissimo não dá nenhuma garantia de que estejam corretos os dados que

⁴ PERKINS, David. *História da Literatura e Narração*. Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, 1999.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

apresenta. Só isso já seria suficiente para colocarmos em dúvida o gênero desta obra, no entanto, nos empenharemos em indicar, aos poucos, a presença da ficção como uma constante no texto do autor. A própria estrutura utilizada o denuncia. Começa a narrativa com uma fábula para então entrar com o texto propriamente dito.

É certo que Perkins assinalou que seria fundamental iniciar com uma frase ou parágrafo impactante para chamar a atenção dos leitores, mas daí a principiar com uma fábula⁵ foge completamente da linha de um texto objetivo/histórico. Verissimo vai ainda mais longe: para distrair a platéia, ele contava histórias ou anedotas retiradas de algum romance, conto⁶ ou poema da literatura brasileira, o que justifica a escolha de muitas obras e autores selecionados não por serem os mais representativos, mas por divertirem o público e “produzirem boas gargalhadas”, conforme explica no prefácio.

Repleta de jogos ficcionais, a obra faz sobressair a falta de fontes que comprovem as informações do escritor pela evidência de seu estilo de escrita, como podemos verificar nos exemplos destacados a seguir: ao final da página 44, Verissimo faz uma pausa no texto, uma preparação para o próximo capítulo. Neste momento, esclarece, inclusive, que usará a técnica dos romancistas do século XVII que costumavam antecipar os capítulos. Indica que, no capítulo posterior, abordará a chegada de dom João e da corte inteira no Rio de Janeiro,

⁵ No primeiro capítulo, Erico Verissimo introduz seu texto como um contador de história: “Numa cidadezinha do Brasil, há muitos anos...”

⁶ Quando se refere a João do Rio, na página 87, conta-nos a história de um personagem de um dos contos deste escritor “um moço honesto, trabalhador e sensível, que, apesar disso tudo, não conseguia êxito na vida. Certo dia resolveu ver um relojoeiro para perguntar-lhe o que havia de errado com sua cabeça.” Na página 89, depois de contar parte da história do personagem, Verissimo explica: “Essa história cínica quer ser uma crítica à sociedade brasileira e isso me lembra de outro conto, de Lima Barreto – um romancista muito interessante, também preocupado com o Rio de Janeiro, em especial com sua vida suburbana.” Então o escritor gaúcho dá início à narração do conto de Barreto: “Certa vez, desempregado, leu no jornal um anúncio no qual uma família solicitava um homem que soubesse javanês, para ler um livro antigo que se supunha ter influência mágica sobre a sorte daqueles que ouvissem a leitura de seu conteúdo. O homem teve uma ideia. Não sabia palavra em javanês, mas consultou uma enciclopédia, aprendeu umas poucas coisas sobre Java, seus costumes e alguns aspectos de sua língua e candidatou-se ao emprego. Contratado, certa noite tomou o livro sagrado e começou a dar-lhe às páginas uma tradução imaginária. A família estava muito contente e o pagava bem. Sua fama e autoridade na língua javanesa se espalhavam e pediram-lhe para escrever artigos para revistas filológicas – o que ele fez. Em pouco tempo, ganhou reputação, obteve outros bons empregos e até foi designado para representar o Brasil num congresso europeu sobre o idioma javanês.”

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

iniciando, desse modo, uma costura da história do Brasil com a história do mundo, mais especificamente, da história do nosso país como consequência dos acontecimentos mundiais.

Encontramos outro recurso de ficção nos títulos dos capítulos 4, “Minha terra tem palmeiras” e 5, “Sim, mas Serpentes e Escravos também”, quando faz uma associação entre a famosa poesia “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, com a crítica ferrenha a respeito da questão da escravidão existente na poesia “Navio Negreiro”, de Castro Alves. Um historiador, devido à objetividade de seu texto, não poderia fazer uso de jogos com versos de poesia. A intertextualidade nas histórias literárias é permitida se relacionada com disciplinas como a Teoria da Literatura e a Crítica Literária, por exemplo, com o intuito de dar crédito ao texto, mas não é o caso. E há outro detalhe a ser observado no capítulo 5: o narrador inicia construindo uma imagem de pureza em torno da figura de D. Pedro II. Isso serve apenas como introdução para falar de como o Brasil era “feliz” na época de seu governo e de como os intelectuais da época⁷ viam apenas “a superfície da lagoa”, sem jamais adentrarem na lama. Por lama Erico entende os oprimidos, as populações negligenciadas dos sertões e os escravos. Diferente dos outros poetas da época que viam a beleza em tudo, Castro Alves enxergou esse lado escuro e poetizou a miséria e o sofrimento dos negros em seus poemas, comovendo milhares de leitores por todo o Brasil e preparando-os para apoiar a campanha abolicionista que se iniciava no País. Ao dizer isso, Verissimo se serve de mais um recurso de ficção: sai do que é limpo, claro, para aprofundar-se na lama e retratar as misérias humanas.

Em outro momento do texto, quando menciona Machado de Assis, depois de dar detalhes de sua biografia e tecer alguns elogios discretos, não sabe como enquadrá-lo na literatura e apresenta-o como um caso meio patológico. No final do capítulo, por não saber como encerrar o comentário sobre o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ficciona a história de Machado que deixa de ser escritor para virar personagem. Termina, enfim, contando como o escritor passou os dias que antecederam a sua morte. Nessa parte, mais uma

⁷ Para Erico Verissimo, os homens de letras do País eram sensíveis apenas a seus próprios males e infortúnios. Se escreviam sobre o negro, o índio ou o pobre, era em termos de pura ficção, pois estavam fortemente enamorados da fauna e da flora para se darem conta dos problemas sociais que aconteciam no seu entorno.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

vez, o autor gaúcho demonstra a sua fragilidade como historiador pela falta de pesquisa minuciosa a respeito dos dados apresentados: diz que Machado de Assis faleceu em dezembro de 1908, quando, na verdade, foi em 29 de setembro de 1908.

Esse é um dos principais problemas citados por Perkins no que se refere à falta de fontes de consulta: a indução ao erro. Se o leitor está atento e conhece o assunto, logo se dá conta do “deslize” e corrige a informação. Se couber a ele preencher os espaços vazios da narrativa, esta cai em total descrédito.

Outro elemento apontado por Perkins que sustenta a nossa posição é a narração em 3ª pessoa, ou seja, o modo como deve ser conduzida a narrativa histórica. Erico Verissimo parece não se importar com isso, pois intromete-se seguidamente no texto e faz diversas incursões em 1ª pessoa. Essas intervenções serão mostradas nos exemplos que evidenciamos a partir de agora para darmos uma melhor idéia da falta de talento de Erico Verissimo como historiador. Na página 47, conversa com a platéia “Se vocês **me perguntarem** se os escritores brasileiros das duas primeiras décadas do século XIX eram excepcionais, **responderei** que eram aproveitáveis.”; na página 48, conta uma história pessoal sobre o medo que sentia ao encarar o olhar no retrato do Marquês de Maricá:

Quando eu era um garoto de escola não conseguia evitar a sensação de medo e estranheza sempre que olhava para o retrato do Marquês de Maricá. Seu rosto era pétreo e severo, sua cabeça, triangular; os olhos eram fundos e escuros e os lábios finos e apertados. Mesmo agora, fitando seu retrato, **consigo** recapturar, atenuada, aquela sensação quase lúgubre. Mas algo muito diverso acontece quando hoje **leio** suas máximas, pensamentos e reflexões – tão famosas na época em que foram escritas. (...) **Deixem-me** dar-lhes alguns exemplos do espírito e da sapiência do marquês. Ei-los aqui: ‘Vale mais ser invejado que lastimado. A mocidade viciosa faz provisão de achaques e velhice...’

As incursões em 1ª pessoa continuam na página 55. O autor diz que a personagem Moreninha do romance de mesmo nome, de Joaquim Manuel de Macedo, “foi uma de **minhas** primeiras namoradas literárias.”; na página 69, fala novamente com o público ao referir-se a Machado de Assis:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

E agora **quero** falar a vocês de nosso enigma literário mais intrigante. Abala **nossas** convicções quanto à influência da raça, do meio e do momento histórico na produção literária. **Começemos** do começo. No ano de 1839, um bebê de cor nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Bem, **acho** que um acontecimento como esse não tem nada de extraordinário em si mesmo.

Na página 73, opina, nos parênteses, sobre o fato de ser Bentinho, personagem do romance *D. Casmurro*, de Machado de Assis, chamado de herói: “mal se pode dar esse título ao pobre, fraco e infeliz Bentinho”; na página 82, diz que releu muitos poemas de Olavo Bilac e que era apaixonado por suas poesias no fim da adolescência.

Reli muitos de seus poemas sem conseguir recapturar a velha magia. Agora, arremedando Machado de Assis, **pergunto** ao leitor: ‘Mudaram os poemas de Bilac, ou **mudei eu?**’ Talvez tenha sido **eu**. E também os tempos mudaram. O problema é que, ao **tentarmos** reviver velhas paixões ou estados de espírito, é comum que os **procuremos** num certo lugar – só para descobrir, depois de uma busca infrutífera, que não pertencem ao espaço, mas ao tempo.

Também na página 87, nos parênteses, explica que Alberto de Oliveira havia morrido há poucos anos: “**Devo acrescentar** que Alberto de Oliveira, o sumo sacerdote da poesia parnasiana, morrera havia poucos anos”. Continuando essas intervenções do autor, na página 103, Erico Verissimo faz alusão ao terno do personagem de Monteiro Lobato, o Jeca Tatu. Comenta, novamente nos parênteses, que a personagem vestia um casaco muito singelo: “Quando o dia das eleições chegava, ele vestia seu melhor terno (que acontecia ser um terno paupérrimo) e ia à cidade votar.”. Na página 98, convida o público a entrar na aventura de falar de seu próprio tempo, de adentrar a “ilha” a que ele também pertence e onde é possível encontrar seus amigos e inimigos:

De qualquer modo, **enfrentarei** alegremente todos os riscos e convido o leitor a **unir-se a mim** num breve passeio pelos bosques da ilha. **Devo** dizer-lhes que não é uma floresta civilizada e encantadora como a europeia, que Bethoven descreve com tanta genialidade na sua *Sinfonia Pastoral*. (...) **Encontraremos** ali pântanos insalubres e perigosos, repletos de mosquitos, não longe de lagos límpidos e plácidos de um azul-celeste, margeados de belas árvores. É um lugar ruidoso, às vezes ensolarado demais e outras vezes escuros demais. (...) Agora amigos, querem vir **comigo**? Talvez a coisa toda não seja tão colorida e pitoresca como **anunciei**.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Na página 116, ele expressa sua impressão sobre o fato de a cena literária de hoje ter múltiplos caminhos. De acordo com suas palavras, a causa disso está no movimento modernista:

Em minha opinião, o movimento modernista foi uma espécie de encruzilhada de onde se originaram os múltiplos caminhos da cena literária brasileira de hoje. Desses vários caminhos (alguns deles apenas atalhos), **acho** que só três são de fato importantes. Um deles tomou a direção da esquerda com Oswald e Mário de Andrade, que não eram comunistas e sim socialistas que punham grande ênfase na importância do fato econômico na vida social. O segundo caminho conduzia a Deus, via Vaticano.

Na página 132, indica sua preferência pelos poetas Mario Quintana e Cecília Meireles:

Devo confessar – para pôr fim a essa dissertação informal sobre poesia – que **meus poetas favoritos** são Cecília Meireles e Mario Quintana. **Na minha opinião**, o que os faz especialmente notáveis é seu agudo senso das palavras. Conseguem ser diferentes e não raro profundos usando vocábulos simples. **Penso** que seu segredo está no modo como combinam as palavras de forma a dar-lhes uma força nova, um novo sentido. Embora modernos, seus poemas possuem um sabor clássico e com frequência lembram baladas medievais.

Por fim, no capítulo “A colcha de retalhos”⁸, na página 141, Erico Veríssimo continua a expor seus comentários sobre os autores que pintam o “grande mural do Brasil”:

Tem-se dito que o verdadeiro romance brasileiro seria o que fosse capaz de abranger toda a paisagem geográfica e humana nacional, da costa atlântica aos sertões de Mato Grosso e das coxilhas do Rio Grande do Sul à selva amazônica. Ainda não **temos** um romance tão ambicioso; e se o **tivéssemos** não **penso** que pudesse ser muito bom, pois a enorme extensão prejudicaria sua profundidade e um livro assim seria decerto mais geográfico e pitoresco do que humano e sociologicamente significativo. **Acho** que o grande mural do Brasil está sendo pintado hoje, não por um único artista, mas por grande número deles. Cada um de nossos modernos romancistas trabalha em seu campo restrito – um grupo social, uma cidade, um estado, uma região – e, reunindo suas obras, ter-se-á o vasto afresco panorâmico da nação. Olhem o mapa do Brasil. O que vêem? Uma terra com o formato de um presunto da Virgínia e mais de uma vintena de Estados, cada um estampado em cor diferente. **Adivinho** o que estão pensando... Estão certos: o Brasil parece uma colcha de retalhos.

Esses poucos exemplos recolhidos no livro de Veríssimo denunciam a sua falta de talento para historiador e para textos objetivos como devem ser os de história da literatura. Se,

⁸ Neste capítulo, identificamos intertextualidade com o conto de Machado de Assis que possui o mesmo título.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

como vimos, não se refere a fontes e não consegue narrar apenas em 3ª pessoa, obtém, entretanto, algum sucesso em outros três elementos essenciais da narrativa histórica indicados na teoria de Perkins: a clareza de objetivo, a eleição de um herói e o enredo da história dentro de um espaço e tempo arbitrários.

Quanto ao primeiro, o escritor é claro, pois, através da literatura, queria reconstruir o espírito do povo brasileiro e acabar com a impressão negativa de que o Brasil era o país de uma terra de gente preguiçosa e ignorante, cobras venenosas e plantas exóticas. Isso lhe parecia importante porque representava mais do que a defesa da liberdade, representava a sabedoria da compreensão e da tolerância entre os povos, a base da amizade e da paz.

Para dar cabo da tarefa que tomou para si, elege como herói a literatura como um todo para, através de sua trajetória, mostrar a cultura brasileira e exaltar os homens de letras do Brasil. Desses, apresentou alguns intelectuais de maior expressão em cada época, colocando em evidência uns e dando pouca ou nenhuma importância a outros⁹.

No que se refere ao enredo da história, o autor organiza todos os elementos recolhidos na sua memória dentro de um espaço e tempo limitado: da Colonização à Geração de 45. Essa “organização” possibilitou-lhe apresentar o público com o maior número de detalhes e de informações possível. No entanto, essas informações deveriam constar de fontes que garantissem credibilidade ao texto. A intertextualidade, aliada de muitos pesquisadores dessa modalidade de texto, foi utilizada como recurso de ficção, muitas vezes com o objetivo de obter as histórias literárias mais engraçadas para distrair a platéia. Apesar disso, exaltamos a memória e o conhecimento do autor, mas não devemos esquecer de que um texto científico tem de estar embasado teoricamente, pois segundo Perkins, um leitor atento e conhecedor da literatura poderá reconhecer as falhas existentes na narrativa e divagar, duvidar das informações do narrador, como aconteceu, por exemplo, com a informação sobre a morte de Machado de Assis.

⁹ Em cada período da história, nota-se, ainda, uma preocupação de Verissimo em esclarecer como nasceu cada um dos movimentos literários e por que motivo entraram em decadência. Não nos preocupamos em desenvolver essa questão pela brevidade do estudo e também porque nosso propósito é analisar se o autor sulino consegue desenvolver todos os elementos essenciais da narrativa histórica da teoria de David Perkins.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

A falta de comprovação de dados, aliada ao jeito especial do autor escrever, mostra claramente que se porta como um ficcionista em todos os capítulos. As suas intromissões no texto permitindo-se conversar com o público/leitor, fazer comentários e contar histórias pessoais de sua infância e adolescência, acabam definitivamente com qualquer possibilidade de ser ele considerado um historiador. Mas isso, o próprio Erico explica na página 98:

Sabem, eu não sou historiador, filósofo ou ensaísta. Sou apenas um simples contador de histórias, e o contador de histórias é um homem que sempre exagera as coisas e as pessoas para o bem da sua própria história. Talvez nossa excursão venha a ser um fiasco, como em geral acontece não só com viagens mas também com drogas, livros e filmes: a realidade nunca preenche de todo as promessas de seus anúncios chamativos.

Como bem disse o escritor, é apenas um contador de histórias, confirmando ele mesmo a sua falta de jeito para o texto científico objetivo. Mesmo assim, pode-se dizer que a sua *Breve história da literatura brasileira* fez dele um “quase” historiador, não fossem esses pequenos “pecados” que o denunciaram e que jamais deixarão que seja considerado como tal. Afinal, usando as palavras de Verissimo, apresentou “mais ou menos” um “esboço” da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

PERKINS, David. *História da Literatura e Narração*. Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Porto Alegre, 1999.

VERISSIMO, Erico. *Breve História da Literatura Brasileira*. Tradução Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.